

## A ORIGINALIDADE DE AFRÂNIO PEIXOTO

## THE ORIGINALITY OF AFRÂNIO PEIXOTO

Ana RESENDE<sup>1</sup>

Em 1931, alguns dos mais importantes intelectuais brasileiros se reuniram na *Revista Nova* para homenagear Manoel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852) por ocasião do centenário do autor paulista.

Com base na divisão temática proposta por Cilaine Alves (1998, p. 29-30) acerca da recepção crítica da obra alvaresiana, os artigos da revista dividiam-se entre os que tratavam da biografia de Álvares de Azevedo, dentre os quais estão os de Azevedo Amaral e de Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, e os artigos que abordavam sua produção literária, como os textos de Afrânio Peixoto, Arthur Motta, Luis da Camara Cascudo e Homero Pires, que dali a alguns anos editaria suas *Obras completas* (1942).

Dos textos publicados na ocasião, certamente o que desfrutou de maior influência foi o artigo de Mário de Andrade, “Amor e medo” (ANDRADE, 1931, p. 437-469), que praticamente inaugurou a tradição dos estudos de natureza psicanalítica da obra alvaresiana (ALVES, 1998, p. 50-51).

Nas últimas décadas, porém, estudos como os de Jefferson Donizeti (2010) e Júlio França (2017, 2018)<sup>2</sup>, dentre outros, vêm buscando aproximar a obra de **Álvares de Azevedo da prosa de ficção gótica e, em especial, de uma consideração sobre as características da produção literária gótica brasileira, e não raro remetem ao artigo que ora apresento**, “A originalidade de Álvares de Azevedo”, de Afrânio Peixoto (1931, p. 338-345), como o primeiro a identificar o uso de *topoi* góticos na novela *Noite na taverna*.

Em seu artigo, Peixoto chama a atenção para o uso deliberado de convenções da ficção gótica na produção literária alvaresiana: “Álvares de Azevedo lamuriento, sombrio, humorista [...] tentaria o conto fantástico, a novela negra” (PEIXOTO, 1931, p. 338) para, de um lado, criticar as convenções morais e estéticas de sua conturbada época e, de outro, refletir sobre a própria poética e sobre novos parâmetros literários – uma característica presente em alguns de seus poemas e na prosa de ficção, mas também em seus estudos literários:

---

1. Mestre em Filosofia; Programa de Pós-graduação em Filosofia; PUC-Rio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: hoelterlein@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1294-0740>.

2. Destaco a dissertação de Jefferson Donizeti de Oliveira, “*Um sussurro nas trevas*”: uma revisão da recepção crítica e literária de *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo (2010), bem como os artigos “O sequestro do Gótico no Brasil” (2017) e “‘Gótico no Brasil’, ‘Gótico Brasileiro’: o caso de *Fronreira*, de Cornélio Pena” (2018), de Júlio França.

Foi o *Castelo de Otranto*, de Horácio Walpole, de 1764, que inaugurou o gênero, com o aposto “história gótica”; Ana Radcliffe e M. G. Lewis foram os mestres ingleses dele, desse gênero negro: o *Romance da floresta*, os *Mistérios de Udolfo*, *Confissões dos penitentes negros...* de uma, *O monge*, *A freira ensanguentada*, *O espectro do Castelo*, do outro, falam até pelos títulos... Estava a família fundada e a descendência não tardaria. (PEIXOTO, 1931, p. 338-339).

Embora Afrânio Peixoto visse no autor de *Macário e Noite na taverna* uma “criança de gênio” (PEIXOTO, 1931, p. 345), os influxos sombrios e macabros de sua obra não seriam mera consequência de sua juventude<sup>3</sup>, nem de um “temperamento exaltado e rico” (GRIECO, 1935, p. 2) ou ainda um “caso de imitação imatura de modelos literários feita por um escritor ainda em formação” (FRANÇA, 2017, p. 114) – tal como salientado por certa tradição crítico-historiográfica<sup>4</sup>.

O argumento de Peixoto acerca da originalidade de Álvares de Azevedo reside nos usos do fantástico e do perverso: “*A Noite na taverna, finalmente, é preciosa página original, conto fantástico, único em nossas letras, situado entre o horror de Poe e de Hoffmann, e a perversão de Byron e de Baudelaire*” (PEIXOTO, 1931, p. 345).

Considerada uma obra à margem da literatura brasileira, *Noite na taverna* evidencia a retomada da tradição literária europeia – “Os nomes são estrangeiros: germanos, saxônios, italianos: Hermann, Johann... Solferi, Genaro... Há vinho. Não é no Brasil. Será no começo do século” (PEIXOTO, 1931, p. 340). Não há qualquer referência à paisagem local brasileira. Para os estudiosos da novela, o silêncio em torno das questões locais e a apropriação das fontes da tradição europeia reforça o projeto alvaresiano de construção de uma “tradição puramente literária” (FRANÇA, 2018, p. 1099) em oposição ao nacionalismo vigente então.

Em seu artigo acerca da literatura gótica brasileira, Júlio França (2017, p. 116) atenta para a conclusão errônea de que, ao recorrer a “figurações, recursos simbólicos e outros processos convencionais de criação artística”, a literatura gótica fosse considerada uma “forma artística antirrealista”. O pesquisador conclui que nas obras góticas estão, sim, tematizadas “grandes questões políticas, sociais e culturais”, mas que elas se dão por meio desses recursos narrativos. Nesse sentido, a escolha de estratégias que produzem efeitos de medo, tais como: (a) a construção de espaços narrativos sombrios; (b) a figuração de personagens transgressivos, depravados, fantasmagóricos ou mons-

3. Júlio França (2017, p. 114) recorda que tal associação entre juventude e produção literária gótica não é exclusividade da crítica brasileira, sendo comum os estudiosos referirem-se a exemplos dessa produção por parte dos grandes poetas ingleses: Blake, Shelley, Byron, Coleridge, Keats, como obra de jovens artistas, ignorando a permanência desses temas em sua produção literária posterior.

4. Não deixa de ser curiosa a constatação de Jefferson Donizeti (2010, p. 13-14) de que, apesar da pouca importância atribuída pelos críticos e estudiosos da obra alvaresiana à *Noite na taverna*, a novela, publicada postumamente em 1855, na segunda edição das *Obras completas*, de Álvares de Azevedo, tenha desfrutado de grande sucesso junto aos leitores. Desde sua publicação como obra independente, em 1878, *Noite na taverna* foi a obra mais editada do autor.

truosos; (c) o emprego de um campo semântico macabro; (d) a apresentação de tramas que envolvem crimes e tabus sociais etc. (FRANÇA, 2017, p. 117-118) cumpre uma função dentro do texto alvaresiano.

Mesmo sem se aprofundar em uma análise de *Noite na taverna*, ao apontar a originalidade temática e formal da novela de Álvares de Azevedo, Afrânio Peixoto demonstra sua própria originalidade em meio à ampla fortuna crítica alvaresiana, evidenciando a complexa rede de empréstimos, apropriações e inovações que caracterizaria a prosa de ficção do jovem autor, e constatando a filiação da obra de Álvares de Azevedo à **literatura gótica**, como parte de um projeto crítico e literário original e não como mera obra imitativa ou juvenil.

Ao citar explicitamente a produção literária gótica, “anticlássica ou romântica” (PEIXOTO, 1931, p. 338), e vários de seus autores, como matriz do texto de Álvares de Azevedo, Peixoto também recusa a manutenção dos estereótipos sobre o poeta, criados pelos estudos de cunho biográfico, que impediram, durante muitos anos, a separação mais clara entre o autor e a compreensão dos principais aspectos de sua produção literária. Pois, como observa ironicamente o crítico Agripino Grieco: “[Álvares de Azevedo] foi – todos o sabem – um dos nossos poetas que maior número de lendas [inspirou] em derredor de si.” (GRIECO, 1931, p. 8).

A publicação de “A originalidade de Álvares de Azevedo”, de Afrânio Peixoto, após 90 anos do seu lançamento<sup>5</sup>, constitui, dessa forma, para os estudiosos da obra alvaresiana e da produção gótica brasileira, um testemunho tanto da riqueza da produção do autor quanto da recepção do que se entende por literatura gótica no Brasil.

O texto, que reproduz na íntegra o artigo publicado na *Revista Nova*, acrescido de breves notas explicativas sobre os autores mencionados, pode ser lido após as “Referências”.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Cilaine. *O belo e o disforme: Álvares de Azevedo e a ironia romântica*. São Paulo: EDUSP-FAPESP, 1998.
- ANDRADE, Mário. Amor e medo. *Revista Nova*, São Paulo, Ano 1, N. 3, V. 1, p. 437-469, 15 set. de 1931.
- GRIECO, Agripino. Lúcio Cardoso. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1-2, 2 dez. de 1935.
- GRIECO, Agripino. Álvares de Azevedo. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, N. 1, p. 8, out. de 1931.
- OLIVEIRA, Jefferson Donizeti de. “Um sussurro nas trevas”: uma revisão da recepção crítica e literária de *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo. 187 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)

---

5. A dissertação de Jefferson Donizeti de Oliveira, “*Um sussurro nas trevas: uma revisão da recepção crítica e literária de Noite na taverna, de Álvares de Azevedo* (2010), que inclui uma análise do artigo de Afrânio Peixoto na *Revista Nova*, menciona, em suas referências, apenas o artigo original de 1931, o que me permite concluir que, desde então, não houve nova publicação do artigo.

– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FRANÇA, Júlio. O sequestro do Gótico no Brasil. In: COLUCCI, Luciana; FRANÇA, Júlio. As nuances do Gótico: do Setecentos à atualidade. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. p. 111-124.

\_\_\_\_\_. “Gótico no Brasil”, “Gótico brasileiro”: o caso de Fronteira, de Cornélio Pena. In: Anais eletrônicos do XVI Encontro ABRALIC, 2018. p. 1097-1103.

PEIXOTO, Afrânio. A originalidade de Álvares de Azevedo. Revista Nova, São Paulo, Ano 1, N. 3, V. 1, p. 338-345, 15 set. de 1931.

REVISTA NOVA. São Paulo, Ano 1, N. 3, V. 1, 15 set. de 1931.

## A originalidade de Álvares de Azevedo<sup>6</sup>

À correção clássica, de medidas palavras, lágrimas ou sorrisos contados, atitudes e gestos compostos e sóbrios, o individualismo romântico, que lhe foi reação, havia de opôr-se no transbordamento da sensibilidade e da imaginação. Com o romantismo, viria o gênero macabro, sombrio, terrificante, entre mistério e fatalidade, perversão e crime. Para lhe acentuar bem a origem anticlássica ou romântica, na Inglaterra se chamou à novela ou ao romance negro ou fantástico: narrativa “gótica”.

A poesia começara: poetas tristes, puseram-se a chorar, a desesperar, a visitar os cemitérios: Young<sup>7</sup> escreveu *Meditações das noites*, que José Bonifácio<sup>8</sup>, e, depois, Gonçalves de Magalhães<sup>9</sup> haviam de traduzir e dariam, mais tarde, *Noites* a Musset<sup>10</sup> e *Noturnos* a Gonçalves Crespo<sup>11</sup>, título influenciado pela música de Chopin<sup>12</sup>; Blair<sup>13</sup> tem o seu *Túmulo* e Gray<sup>14</sup>, uma elegia escrita num *Cemitério do campo*; Lamartine<sup>15</sup> virá a chorar tanto, que lhe diria Andrieux<sup>16</sup>, revoltado: *mais crève, donc, animal*<sup>17</sup>. Essa lamúria daria no Brasil Casimiro de Abreu<sup>18</sup> e todos os primeiros românticos. Álvares de Azevedo lamuriento, sombrio, humorista, entre o *spleen* do tédio e a meditação desesperada, tentaria o conto fantástico, a novela negra, criminosas perversidades noturnas, da *Noite na taverna*.

Foi o *Castelo de Otranto*, de Horácio Walpole<sup>19</sup>, de 1764, que inaugurou o gênero, com o aposto “história gótica”; Ana Radcliffe<sup>20</sup> e M. G. Lewis<sup>21</sup> foram os mestres ingleses dele, desse gênero negro: o *Romance da floresta*, os *Mistérios de Udolfo*, *Confissões dos*

6. O artigo aqui reproduzido teve sua ortografia atualizada de acordo com as normas em vigência. Erros evidentes também foram corrigidos.

7. Edward Young (1683-1765), poeta, crítico, filósofo e teólogo inglês. Ficou conhecido por *Night-thoughts* [*Meditações das noites*].

8. José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), poeta, naturalista e estadista luso-brasileiro.

9. Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), médico, professor, diplomata, poeta e ensaísta brasileiro.

10. Alfred Louis Charles de Musset (1810-1857), poeta, novelista e dramaturgo francês.

11. Antônio Cândido Gonçalves Crespo (1846-1883), jurista e poeta português.

12. Frédéric François Chopin (1810-1849), pianista e compositor polonês radicado na França.

13. Robert Blair (1699-1746), poeta escocês. Seu poema mais famoso, “The grave” [“Túmulo”], foi ilustrado, no século XIX, por William Blake.

14. Thomas Gray (1716-1771), poeta e erudito inglês. Foi professor em Pembroke College, Cambridge.

15. Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869), poeta e político francês.

16. François-Guillaume-Jean-Stanislas Andrieux (1759-1833), advogado, poeta e dramaturgo francês.

17. “Então morra de uma vez, animal”.

18. Casimiro José Marques de Abreu (1839-1860), poeta brasileiro.

19. Horace Walpole (1717-1797), aristocrata e romancista inglês. Seu *O castelo de Otranto* é considerado o primeiro romance gótico.

20. Ann Radcliffe (1764-1823), escritora inglesa pioneira do romance gótico.

21. Matthew Gregory Lewis (1775-1818), romancista inglês.

*penitentes negros...* de uma, *O monge*, *A freira ensanguentada*, *O espectro do castelo*, do outro, falam até pelos títulos... Estava a família fundada e a descendência não tardaria.

Gerardo de Nerval<sup>22</sup> e Teófilo Gautier<sup>23</sup> e Merimée<sup>24</sup> em França, onde mais tarde Villiers de l'Isle Adam<sup>25</sup> viria a escrever os *Contos cruéis*; principalmente Hoffmann<sup>26</sup>, na Alemanha, com os *Contos fantásticos* e deste lado do Atlântico, Edgar Poe<sup>27</sup>, com as suas histórias maravilhosas... são as cumiadas de uma serra na qual cabeços menores e pontas eventualmente desgarradas se encontram, na perspectiva literária.

O romantismo circunstante dos outros gêneros colaboraria para essa nota terrífica e perversa, de loucura e de crime. Basta lembrar, dessa colaboração, aqui e ali – os perversos e criminosos de toda a obra de Byron<sup>28</sup>; os *Salteadores*, de Schiller<sup>29</sup>, ontem, como depois os *Miseráveis*, de Hugo<sup>30</sup>; *Jacques Rolla*, de Musset, suicida, como *Werther*, de Goethe<sup>31</sup>; o *Diabo Mundo*, de Espronceda<sup>32</sup>, as *Diaboliques*, de Barbey d'Aureville<sup>33</sup>, as *Memórias do diabo*, de Soulié<sup>34</sup>, como os satanismos de Huysmans<sup>35</sup> e as perversões de Zola<sup>36</sup>; os *Mistérios*, de toda a parte, de Londres, de Paris... dos Féval<sup>37</sup>, dos Sue<sup>38</sup>, como os *Monte Cristo, et reliqua*<sup>39</sup>, de Dumas<sup>40</sup>; o espiritismo de Balzac<sup>41</sup> ou de Gautier, *Serafita* ou *Romance da múmia* (o nosso Carlos Ferreira fará um baile, dessas Múmias<sup>42</sup>)

22. Gérard de Nerval (1808-1855), escritor francês, considerado um dos mais importantes do século XIX.

23. Pierre Jules Théophile Gautier (1811-1872), escritor, poeta, jornalista e crítico literário francês.

24. Prosper Mérimée (1803-1870), historiador, arqueólogo, político e escritor francês.

25. Auguste Villiers de l'Isle-Adam (1838-1889), escritor francês.

26. Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (1776-1822), escritor alemão.

27. Edgar Allan Poe (1809-1849), autor, poeta, editor e crítico literário estadunidense.

28. George Gordon Byron, conhecido como Lord Byron (1788-1824), poeta britânico e uma das figuras mais influentes do Romantismo.

29. Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805), poeta, dramaturgo, romancista e ensaísta alemão.

30. Victor-Marie Hugo (1802-1885), romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta francês.

31. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), autor e estadista alemão.

32. José Ignacio Javier Oriol Encarnación de Espronceda y Delgado (1808-1842), poeta espanhol.

33. Jules-Amédée Barbey d'Aureville (1808-1889), autor francês.

34. Frédéric Soulié (1800-1847), dramaturgo e romancista francês.

35. Charles-Marie-Georges Huysmans, conhecido como Joris-Karl Huysmans (1848-1907), escritor francês.

36. Émile Zola (1840-1902), escritor francês, considerado criador e representante mais expressivo do Naturalismo.

37. Paul Henri Corentin Féval (1816-1887), romancista e dramaturgo francês.

38. Eugène Sue (1804-1857), escritor francês. Autor de *Les mystères de Paris* e *Le juif errant*.

39. "E o restante", em latim.

40. Alexandre Dumas (1802-1870), romancista e dramaturgo francês.

41. Honoré de Balzac (1799-1850), prolífico escritor francês.

42. O autor refere-se ao poema "Baile das múmias", do escritor e poeta gaúcho Carlos Augustus Ferreira (1844-1913).

até a perversidade, loucura, crime, mistério policial, científico, dos Maupassant<sup>43</sup>, Mirabeau<sup>44</sup>, Farrère<sup>45</sup>, Wells<sup>46</sup>, Conan Doyle<sup>47</sup>, Carco<sup>48</sup>, Lorde<sup>49</sup>, Mac-Orlan<sup>50</sup>. (Nós mesmos colaboramos, com Neto<sup>51</sup>, Medeiros<sup>52</sup>, Viriato Corrêa<sup>53</sup>, num *Mistério*, como Eça de Queiroz<sup>54</sup> e Ramalho<sup>55</sup> antes, lá para as bandas da estrada de Cintra. Antes daquela tentativa, na *Fruta do mato*<sup>56</sup>, perpassa o assombramento, o feitiço trágico de uma mulher, que perde os homens).

O conto de Álvares de Azevedo, a *Noite na taverna*, é nota de um gênero grave, e raro, nas letras nacionais.

A *Noite na taverna* é um conto fantástico e um conto perverso: aí duas influências explicitadas, citadas – de Byron, dominante na perversidade, de Hoffmann, na fantasia –, que não chega ao mistério, mas vai até a fatalidade, que assombra. Sem que se possa derivar, como fonte, há similitudes, precedências, concordâncias, com o maravilhoso do gênero, que fazem pensar em Gerardo de Nerval, Edgar Poe, Gautier, Merimée, Villiers de l'Isle Adam, que provavelmente uns, certamente outros, não conheceu ou podia conhecer Álvares de Azevedo. Entretanto, ou por isso mesmo, a sua originalidade. Toda a perversidade do amor aí está; todas as fatalidades possíveis da vida, também.

Resumamos o enredo do conto, para melhor apreciá-lo. Numa taverna – onde, quando? Não é dito. Os nomes são estrangeiros: germanos, saxônios, italianos: Hermann, Johann... Solfieri, Genaro... Há vinho. Não é no Brasil. Será no começo do século: um dos convivas apertou a mão de Napoleão em batalha... Bem começo do século: o primeiro capítulo intitula-se: “uma noite no século”. No começo e no fim, é que as centúrias são tratadas com essa liberdade, sem os designativos, “este”, “neste” etc. Numa taverna, uma noite. Convivas habituados e conhecidos uns dos outros, que discutem, discutem como nesse tempo, metafísica, imortalidade da alma, existência de Deus: isso, bebendo. Passam, por aí – o álcool é indiscreto – às confidências. Talvez à emulação.

43. Henri René Albert Guy de Maupassant (1850-1893), escritor e poeta francês.

44. Octave Henri Marie Mirbeau (1848-1917), escritor, crítico de arte, jornalista francês.

45. Frédéric-Charles Bargone, mais conhecido como Claude Farrère (1876-1957), escritor francês.

46. Herbert George Wells (1866-1946), escritor britânico.

47. Arthur Ignatius Conan Doyle (1859-1930), escritor e médico britânico.

48. Francis Carco (1886-1958), dramaturgo, romancista e crítico de arte francês.

49. Autor não identificado.

50. Pierre Dumarchey, mais conhecido como Pierre Mac Orlan (1882-1970), autor francês.

51. Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934), escritor e político brasileiro.

52. José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), escritor brasileiro.

53. Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho (1884-1967), jornalista, escritor, dramaturgo, teatrólogo e político brasileiro.

54. José Maria de Eça de Queiroz (1845-1900), escritor e diplomata português.

55. José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915), escritor e jornalista português, contemporâneo de Eça de Queiroz.

56. Romance de Afrânio Peixoto (1876-1947), publicado em 1920.

Um, Solfieri, em Roma, acompanha uma mulher ao cemitério, depois, encontra-a morta, numa igreja, profana-a. Mas é uma cataléptica, que acorda; foge com ela, que morre, realmente, depois. Faz executar uma imagem de cera, que jaz no seu leito...

Bertram reúne muitos miseráveis. Ama uma espanhola, que deixa pelo pai, na Dinamarca (terra de Hamlet, citado mais de uma vez), a morrer, enquanto o filho, indiferente, pensa na amante, em Espanha. Volvendo, encontra-a casada, com um filho, que ela mata, como ao marido, para ser de novo do amante, abandonado entretanto, pouco depois... *Fragility, your name is woman*<sup>57</sup>. Louco de amor, bêbado, ladrão, espada-chim, cai Hermann às portas de um palácio, recolhido pelo nobre, cuja filha profana, rapta, vende a outro bandido e, por isto, ela se suicida... Troco, a outrem. Assim é o mundo. Na Itália, tenta ele morrer afogado e ao que o socorre mata, sendo salvo, a bordo de uma corveta. Ama e profana aí a mulher do comandante e, num naufrágio, com ela, mata um homem, para comer, canibais pela necessidade, satisfeita a lei cruel, sufocada, assassina a mulher amada... Lembra-se de *Don Juan*: Byron muito concorreu para este Bertram, até na antropofagia.

Gennaro conta o romance de um pintor, mulher jovem, filha adolescente, de que se fizera aprendiz. Ama a uma, profana a outra, e esta, depois de matar o filho, indesejado, mata-se de amor. O velho compreende, leva o adúltero e sedutor a um precipício, tenta matá-lo e o arremessa ao abismo. Salvo, milagrosa ou misteriosamente, procura vingar-se e na casa maldita encontra dois cadáveres, marido e mulher, envenenados...

Hermann é a riqueza, o luxo, o jogo, as orgias, até o encontro de uma divina mulher, uma duquesa, feliz com o seu duque. (Referências a *D. Juan, Lovelace*<sup>58</sup>, *Clarice Harlowe*, o *Corsário, Gulnare*<sup>59</sup>.) Uma chave comprada, um filtro ou narcótico, a posse da mulher amada, até o rapto. Despertar cruel, num albergue, declaração, convicção; ela cede, por fim. Um dia encontra, entrando em casa, um louco e um cadáver... o marido, o duque Mário e a duquesa Eleonora...

Johann, finalmente, é o conto, de que isto que precede é o *hors d'oeuvre*, a ambiência indispensável. Jogo, desafio para o duelo, carta do parceiro à mãe, despedindo-se, e tiros na treva, à queima-roupa. Toma a carta do moribundo para levá-la, e com ela encontra um bilhete da noiva dele, para um *rendez-vous*, nessa noite. Vai e, na treva, ousado, o que não ousara o outro, conspurca uma pureza. Ao partir encontra alguém, um homem, que compreende, e quer vingar a profanação. Batem-se, mata-o, leva-o a uma luz... seu irmão! Ela, pois, sua irmã... No epílogo, *Último beijo de amor*, uma mulher, essa Georgia, noiva e irmã profanada, que se vingue, mata o irmão, esse Johann

57. "Fragilidade, teu nome é mulher".

58. O autor refere-se ao personagem Robert Lovelace, do romance *Clarissa, or, the history of a young lady*, do inglês Samuel Richardson (1689-1761).

59. O autor refere-se ao personagem Gulnare, de *The Corsair*, de Lord Byron.

e desperta o noivo, que não morrera, e aí está para o desenlace... Faz-se reconhecer e ele a quer amar ainda, ele que a havia perdido. “Na terra o nosso leito seria impuro; o mundo manchou nossos corpos. O amor do libertino e da prostituta. Satã riria de nós. É no céu, quando o túmulo nos lavar em seu banho, que se levantará nossa manhã de amor...” E Georgia, que assim diz, ouve a redenção, do noivo: “Nossas lágrimas nos lavarão como a chuva lava as folhas, do lodo!” Mostra-lhe o irmão, punido com a morte, e mata-se também. O rapaz colhe-lhe da boca o último beijo e mata-se, sobre ela caído.

Como num drama de Shakespeare, morrem todos. Shakespeare que dá epígrafes ao conto, influi, como Byron: Romeu e Julieta na taverna e profanados, com Otelo, *et committente caterva*<sup>60</sup>. “Dois gemidos sufocaram-se no estrondo do baque de um corpo... A lâmpada apagou-se.” *Acta est fabula*<sup>61</sup>.

Tal é a *Noite na taverna*, uma obra-prima de puro romantismo, que pode estar, e estaria bem, entre obras peregrinas desse gênero terrífico, perverso e cruel. Delírio sombrio e ensanguentado de uma criança casta e boa, um doce poeta lírico, que teria, por originalidade, também sua nota rara, na literatura nacional.

O lirismo de Álvares de Azevedo é laivado de humorismo. Todas as variedades do humorismo. Desde o faceto, ao shocking, o que faz sorrir e o que repugna. Releiam-se as quadras do Namoro a cavalo:

*Eu moro em Catumbi: mas a desgraça  
Que rege a minha vida malfadada,  
Pôs lá no fim da rua do Catete  
A minha Dulcineia namorada.*

*Alugo (três mil réis) por uma tarde  
Um cavalo de trote (que esparrela!)  
Só para erguer meus olhos suspirando  
À minha namorada na janela...*

Como os bons humoristas, perfeitamente exato. Não havia então dancings e estádios. À clausura opunham os namorados elegantes o único meio de ver as suas prediletas, o passeio a cavalo: duraria meio século essa arte de ver as namoradas, antes das “baratinhas”, ou do cinema:

*Ontem tinha chovido... Que desgraça!  
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,  
Mas lá vai senão quando... uma carroça  
Minhas roupas tafuis encheu de lama...*

60. “E comparsas”, em latim.

61. “A peça está representada”, em latim.

Mas vai assim mesmo, tanto é o amor.

*Mas eis que no passar pelo sobrado,  
Onde habita nas lojas minha bela,  
Por ver-me tão lodoso ela, irritada,  
Bateu-me sobre as ventas a janela...*

*O cavalo ignorante do namoro,  
Entre dentes tomou a bofetada,  
Arripia-se, pula e dá-me um tombo  
Com as pernas para o ar, sobre a calçada...*

*Circunstância agravante. A calça inglesa  
Rasgou-se no cair de meio a meio,  
O sangue pelas ventas me corria  
Em paga do amoroso devaneio!...*

“É ela! é ela”, diz o poeta, vendo a sua apaixonada... Por ela ousa o impossível.

*Esta noite eu ousei mais atrevido  
Nas telhas que estalavam nos meus passos  
Ir espiar seu venturoso sono,  
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!*

*Afastei a janela, entrei medroso:  
Palpitava-lhe o seio adormecido...  
Fui beijá-la... roubei do seio dela  
Um bilhete que estava ali metido...*

Uma carta de amor? Versos dela?

*Tremi de febre! Venturosa folha!  
Quem pousasse contigo neste seio...*

*Abri cioso a página secreta...  
Oh! meu Deus! Era um rol de roupa suja!*

A Julieta, a Beatriz, a Carlota do Poeta, era lavadeira.

A nota humorística é constante, em metade da produção de Álvares de Azevedo.

*A lagartixa ao sol ardente vive  
E fazendo o verão o corpo espicha.  
O clarão de teus olhos me dá vida,  
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.*

Esse poema do Spleen e charutos, desde o título, é todo de puro humor, até as notas graves macabras:

*Coração, por que tremes? Vejo a morte,  
Ali vem lazarenta e desdentada...  
Que noiva!... E devo então dormir com ela?  
Se ela ao menos dormisse mascarada!*

No lirismo nacional, lamartiniano ou mussetiano, piegas e chorão, essa nota “inglesa” ia dizer, se não fora Henrique Heine<sup>62</sup> e o mesmo Alfredo de Musset, que as têm comparáveis, é coisa nova no Brasil, em que, ao tempo, a poesia era séria e grave, com os Casemiros de Abreu e Gonçalves Dias<sup>63</sup> e, depois, com os Fagundes Varela<sup>64</sup> e Castro Alves<sup>65</sup>...

Celebrando o primeiro centenário de Álvares de Azevedo quisera acentuar-lhe apenas a originalidade, em nossa literatura. Poeta lírico, de notas graves e profundas, à Lamartine ou Vigny<sup>66</sup>, possuía também notas irreverentes e humorísticas, novas ao nosso lirismo e ainda não banalizadas pela imitação de seus admiradores. A cultura que revela nos seus versos, e nos seus ensaios, mostra que essa criança de gênio tinha, aos vinte anos, um cabedal de leitura e pensamento, singular no seu tempo e, noutros poetas e homens de letras ainda hoje relativamente rara. A prosa artística no Brasil, disse-me um mestre que o admira, Constancio Alves<sup>67</sup> – nasceu com essa de Álvares de Azevedo. A Noite na taverna, finalmente, é preciosa página original, conto fantástico, único em nossas letras, situado entre o horror de Poe e de Hoffmann, e a perversão de Byron e de Baudelaire.

A originalidade de Álvares de Azevedo é ainda essa: haurindo todas as influências de seu tempo, precedendo a outros que se lhe seguiram... não foi imitado, e continua original. Sai-se da sua obra com o sentimento admirado e compungido: o que seria essa esplêndida aurora, se subisse e transmontasse?!... O que foi e o que é, unânime depoimento, é isto: Álvares de Azevedo é o primeiro, e o maior dos nossos meninos-prodígios. Menino de gênio que excedeu, em tudo, a inúmeros e incontáveis homens feitos e caducos. Um milagre, Álvares de Azevedo.

62. Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856), poeta alemão.

63. Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), poeta, advogado, jornalista, etnógrafo e teatrólogo brasileiro.

64. Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875), poeta brasileiro.

65. Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871), poeta brasileiro.

66. Alfred Victor de Vigny (1797-1863), poeta francês.

67. Antônio Constâncio Alves (1862-1933), médico, jornalista, orador e ensaísta brasileiro.